PAULO TEIXEIRA DE CAMARGO: VERDADEIRAMENTE UM GRANDE!

Siveira Peixoto
Professor aposentado da Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo
Membro da Academia Paulista de Letras

Veio a sugestão para eu dizer alguma coisa de nossa Faculdade. Bem depressa, então, surgiu a idéia de um primeiro artigo sobre Paulo Teixeira de Camargo - associação que tinha mesmo de acontecer, eis que foi ele o idealizador desta Escola, um de seus fundadores (outro foi o Prefeito Higino Baptista de Lima, que promulgou a Lei municipal nº 1.246, de 5 de outubro de 1964, que a criou, aí lhe deu a primeira dotação, 20 milhões daqueles idos, logo após nomeou Paulo seu Diretor). Foi, na verdade, quem lhe deu corpo e alma e vida. Acalentou-a nos primeiros tempos, acompanhou-a e amparou-a nos primeiros passos, fê-la uma galanteza de menina, pôde vê-la moça e moça viçosa e bonita que nem ela mesma. Foi seu consolidador, foi quem lhe deu prestígio, quem a alteou e por isso também se alteou - o nosso Paulo.

Este nosso Paulo!... Quando fui buscar-lhe o currículo... Dei com só umas folhas secas, numa secura de longa estiagem nordestina - culpa tão somente de Paulo. Era assim mesmo: pródigo no falar dos outros, esbanjador de elogios, sempre gabando qualidades e nunca se lembrando de defeitos; ao tratar-se dele próprio, aí ficava quieto, até encabulava...

"Filho de Messias Teixeira de Camargo e D. Maria C. Menezes de Camargo, nasceu em Campinas a 25 de novembro de 1905"... Sim, tem uns tons de linguagem tabelioa, não diz quem era o nosso amigo. Logo a seguir, vem o item dos diplomas, refere-se ao que conquistou nas legendárias Arcadas do Largo de São Francisco, naquele 25 de dezembro de 1928. Não fala do moço que lutava e trabalhava para estudar. Ajunta que obteve o de Doutor Honoris Causa, por unanimidade merecidamente a ele outorgado pela Congregação da nossa Faculdade, em sessão solene de 5 de fevereiro de 1970 - dignidade de que muito se orgulhava.

Cita "discursos e conferências" - assim em três palavras, sequer dando idéia do palestrador sobremodo interessante que ouvimos. Lembra os tempos de promotor em Mogi Mirim e na Capital - numa avareza de linguagem que nada refere dos casos forenses de que participou, nos quais brilhou, cumpridamente se desempenhando de sua missão de fazer válido o Direito, bem defendendo a sociedade.

"Fundador e Diretor da Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo", aí "Professor Titular da Cadeira de Direito Constitucional e Teoria Geral do Estado". "Ex-Professor de Português, Geografia, História Geral e do Brasil, e de Sociologia, no Colégio São Bento" (o justamente renomado São Bento),

"no Colégio e Escola Normal Imaculada", de Mogi Mirim, nos idos de 1926 a 1944 - desde quando ainda estudante já se realizando no ensinar, no ser educador de sua vocação.

Há a referência a que foi deputado estadual "por duas legislaturas" - desse jeito, em meia dúzia de palavras. Não diz que foi líder da maioria, foi parlamentar dos mais atuantes. Não fala das lutas que teve e em que se sagrou, representante do povo preocupado sempre com os problemas da coletividade, num trabalho constante, profícuo, pelas causas do bem comum. Não há menção aos serviços relevantes que então prestou a São Paulo, ao Brasil.

No fecho, está a citação ao título de Cidadão Sambernardense, que a Câmara de São Bernardo do Campo a ele outorgou - por unanimidade, pelo muito que fez pela Faculdade, pelo Município, pelas gentes da Cidade. Foi-lhe dada a Cidadania, na sessão solene de 18 de novembro de 1971. O Plenário da Edilidade estava inteiramente tomado, estava assim de gente - expressões maiores da Municipalidade, do ABC, também do Estado, da Justiça e do Direito, da Inteligência e da Cultura, professores, alunos e ex-alunos da Faculdade. Foi emocionante - e levou-o até as lágrimas, lágrimas bem humanas e de muita dignidade, lágrimas de um Homem.

Lá me fui à procura de D. Suzana, a companheira dedicada de Paulo - por muitos e muitos... Não, não estava - responderam-me do outro lado do fio. Ajuntaram-me que ela estava viajando, na certa com suas lembranças do eleito de seu coração.

Meu pensamento saiu pela janela da saudade... Pé ante pé, devagarinho. .. Logo, num pincho, chegou àquela noite. Paulo e eu estávamos na sala da Diretoria - eu esperando a hora de minha aula, no Curso de Estágio. De repente, num estabanamento - e estabanamento, aí, é um pleonasmo, que esse é o jeito dos moços - o rapaz entrou. Nem nos cumprimentou, foi logo dizendo:

— Doutor Paulo, preciso falar com o senhor...

— Pois, não. Sente-se aí...

O rapaz olhou-se de viés...

— Pode falar. O Peixoto, você sabe, é da casa.

Ia me levantando, mas o moço decidiu:

— Não. Disculpe. Pode ficar. Afinal, não é nenhum segredo. Doutor Paulo, vim pedir minha transferência...

— Transferência?! Você?!...

Vale a anotação de que viviamos em tempos de ditadura...

— Preciso, Doutor Paulo

— Precisa? Por que?

— Tenho de fazer agitação...

— Agitação?!

— O Partido quer...

— Mas, meu filho!...

— Doutor Paulo, quero muito bem ao senhor, quero muito bem à Faculdade. Aqui não posso fazer agitação - e tenho de fazê-la. Dê-me a transferência. Desculpe e compreenda. Virei aqui de vez em vez. Quero continuar seu amigo. Por favor!...

Não e não. Os alunos não eram somente alunos. Eram muito mais. Eram amigos de Paulo, eram amigos dos professores. E Paulo os tratava, a todos, como filhos - bom pai, bons filhos. Moços e moças a qualquer momento tinham acesso a ele, que as portas da Diretoria estavam sempre abertas.

Às vezes, para um caso de problema íntimo, havia a saleta ao lado. Era como um confessionário - e Paulo ouvia, aconselhava, ajudava. Procurava, não raro, o pai, a mãe, a esposa, o marido... Pedia o auxílio de um professor. Sei da vez que se valeu de Dinio de Santis Garcia, hoje Desembargador eminentíssimo e sempre um Professor de muitas senhorias, também daquela feita em que se socorreu de José Geraldo Rodrigues de Alckmin, um monstro do Magistério e da Magistratura, que foi a Ministro do Supremo (velho e querido e saudoso companheiro dos tempos de Guaratinguetá, eu a atucana-lo a dizer-lhe que Taubaté era maior, era melhor, ele a repontar sorridente...).

Havia os moços de cabelos grisalhos. Eram, inclusive, grandes empresários... Lembro-me, numa lembrança boa, de Geraldo Faria Rodrigues, vice-prefeito, a seguir prefeito, atento sempre, disciplinado, trabalhador, estudante exemplar. Outrossim, de Marcel Preotesco, presidente da Associação Comercial e Industrial, praticamente dono da Brazul. De Antonio Barnabé Mendes...

Mendes era presidente da CETEL, foi quem fez a iluminação da Via Anchieta, entre São Paulo e São Bernardo, do Minhocão, em nossa Paulicéia (esse Minhocão, e chamei-o primeiro de "minhoca de Itú", fui quem o batizou, em "São Paulo, meu amor", minha coluna na velha e querida "A Gazeta"). Realizou-se pelo esforço próprio, pelo muito que soube fazer. De vez em quando, num fim de semana, pegava a Paulo, mais a este e àquele professor, ou funcionário da Escola - e lá iam, no avião dele, por aí além.

Aconteceu em Foz de Iguaçu - Paulo, Mendes, Machadinho (sim, Dionísio Machado Junior). No restaurante do hotel, o conjunto paraguaio interpretava guaranias. Paulo gostou - e, mão aberta que sempre foi, mandou uma boa gratificação. Foi um entusiasmo para os músicos - e vieram guaranias e mais guaranias...

Com jeito, à sorrelfa, Mendes fez que o garçon levasse uma propina maior - para não cantarem mais guaranias... Paulo percebeu logo. A gorgeta foi maior ainda - e as guaranias se sucederam em mais e mais entusiasmo, Paulo se divertindo à grande, aí também pela vitória sobre Mendes...

Aquela moça, alunas das melhores, teve umas tantas dificuldades, não pôde pagar as prestações à Escola.

Um mês, dois meses... Melhorou-se a situação, tratou logo de fazer os pagamentos.

— Seus pagamentos estão em dia - informaram-lhe na Tesouraria.

— Não é possível. Há engano....

— Está aqui sua ficha financeira. Está tudo perfeitamente em dia.

Foi procurar a Paulo. Contou-lhe a estória.

— Mas está tudo em dia!...

— Doutor Paulo, não é possível. Sei que estou em atrazo...

— Minha filha, sei que estou velho. Mas também sei, e muito bem, que não estou caduco...

Era assim... Do que recebia na Faculdade, grande parte ficava ali, nos pagamentos de alguns que não podiam pagar, nos empréstimos que nunca negava, nos calotes com que nem se importava.

A informação foi de que, no dia seguinte, um piquete de grevistas da Capital estaria em São Bernardo - a fim de conseguir a adesão de nossos moços. "Por bem ou por mal"... Eram de escolas paulistanas, entre eles não faltavam os agitadores de sempre, queriam forçar a paralização de nossa Faculdade.

Bem depressa, por iniciativa deles mesmos, tudo foi planejado pelos nossos. De um (creio que tinha funções de chefia na Antárctica), logo pela manhã do dia seguinte chegou amplo sortimento de porretes - muito respeitáveis, valentíssimos porretões.

À tarde, estava tudo organizado, tudo pronto para a "a recepção". Noitinha, a Faculdade achava-se devidamente guarnecida - nossos moços de porrete em punho, em guarda ao prédio, um cinturão em torno, pelas ruas circundantes.

Mais ou menos pelas 7, chegaram os da Capital, alguns automóveis. Viram logo... Assim mesmo, acharam de descer. Tentaram iniciar um comiciozinho-relâmpago, de "porta de fábrica", no caso de "porta de escola"... Tentaram somente. Os nossos encarregaram-se de a tudo resolver. Fizeram-no pelo melhor, nem houve qualquer violência. Houve só os muito poderosos, convincentes argumentos dos porretões à vista. E só à vista...

Paulo vem todo numa indizivel felicidade - o sorriso aberto e amplo, os olhos também sorrindo, gabando a moçada, repetindo orgulhoso o eslogan de que "a nossa Faculdade é diferente".

Encontramo-nos casualmente naquela tarde - na rua São Carlos do Pinhal, onde ele morava.

Eu ia saindo do prédio de "A Gazeta", à avenida Paulista... Ah, a minha velha e grande "A Gazeta", dos tempos do nosso Casper de imensidões, no edifício da Casper Líbero! Brincando, brincando tiravamos 100 mil, 120 mil. .. Faz uns trinta anos, talvez mais... Era o vespertino que comandava a tarde paulistana. Foi paladino magnífico dos nossos Gloriosos Dias Constitucionalistas de 32. Aquele edifício, Casper o fez - o primeiro especialmente construido para jornal, aqui em São Paulo, creio que no Brasil. Continua, hoje muito apropriadamente servindo à Justiça do Trabalho, assim prosseguindo nos designios de servir ao Direito, ao Certo, ao Justo, ao Trabalho, ao Trabalhador. Ah, a nossa "A Gazeta" de muitas e muitas altezas!

Era 12 de junho e o dia ia se indo pela bandas do Jaraguá. A noite vinha vindo da Penha, morraria abaixo. Mãe Preta de muitos séculos, de muitos milenios, vinha devagar, nas pernas trôpegas, envolvendo nos braços de sombra, carinhosamente, esta São Paulo de nosso muito amor... Esta São Paulo que sempre amei e amo com todas as forças de meu ódio - porque odeio, sempre odiei, seus defeitos, estas poluições que nos maltratam, sobretudo a humana.

Mãe Preta que é toda carinho, achou de acender o pito de barro. Soprou um tição - e tremeluziram no céu as primeiras estrelas...

Ia eu saindo pela rampa da São Carlos de Pinhal... Foi quando dei com Paulo, vindo da Brigadeiro Luiz Antonio. Tinha nas mãos um ramalhete de rosas - lindas rosas, lindíssimas como só as rosas sabem sê-lo.

— Então, Dia dos Namorados!...
— São para Suzana, minha namorada de todo o sempre.
Se foi um grande?!
Não e não! Não foi!
Continua a sê-lo!
É e merece sê-lo - em nossos corações, em nossas saudades, em nosso respeito.
Merece-o, pelo muito de bom e de bem que fez.
É, sim, um grande - um verdadeiramente Homem, como o retratam os versos imortais de Kipling.